

Secretário não crê em auto-suficiência

O secretário de Agricultura do Distrito Federal, Pedro Carmo Dantas, na véspera de deixar sua pasta à disposição do novo governador — coronel Aimé Lamaison — declarou ontem que Brasília jamais será totalmente auto-suficiente em qualquer produto, “porque desde que assumi essa Secretaria nunca acreditei em auto-suficiência para qualquer unidade da federação, e o máximo que Brasília conseguirá é se incorporar ao processo produtivo brasileiro, com um razoável percentual de produção”.

O secretário salientou, no entanto, que esse pessimismo refere-se à auto-suficiência apenas total e não à relativa. E explicou: “alguns Estados produzem excedentes de diversos produtos, mas nunca na sua totalidade. Tanto é assim que todos eles sempre usam sua maior ou menor capacidade de troca. Estados como São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, apesar de terem grandes excedentes para a comercialização, importam de outras unidades produtos que não têm a sua auto-suficiência”. Para Pedro Dantas, nesse caso, o exemplo da carne é marcante.

ARRENDAMENTO

Quanto ao Distrito Federal, segundo o secretário, o que foi agilizado nesse período governamental foi um incentivo, visando a um maior percentual ao abastecimento da capital da República, com produtos oriundos da área rural do DF. Estabelecendo um parâmetro entre o trabalho encontrado e o que ele está deixando na situação agropecuária de Brasília, afirmou que só em termos de arrendamento de terras, esse volume foi quadruplicado, favorecendo enormemente o pequeno agricultor.

Para ele, as administrações que o antecederam devem ter acrescentado um substancial esforço na área rural do DF, “mas só com o advento da administração Elmo Farias é que tivemos o privilégio de motivar a área rural para que ela se aproximasse o mais rápido possível do hiato existente entre o desenvolvimento urbano e o rural”. Segundo Pedro Dantas, “gracias ao apoio decisivo do governador e da área federal é que conseguiu-se fazer com que o agricultor do DF se aparelhesse de que o solo do cerrado, tecnicamente explorado, produz economicamente como qualquer outro solo brasileiro”.

CERRADO

O secretário disse ainda ter conseguido alijar da crônica agrícola local a expressão “recuperação do cerrado”, substituindo-a por “ocupação do cerrado”. Para ele, o único problema aqui é a tecnologia, “mas a solução é continuarmos sempre, a nível de novas pesquisas, porque a pesquisa é dinâmica, porém para o estágio atual já temos a nossa tecnologia própria e suficiente”.

Numericamente, disse que a situação agrícola de Brasília é das mais louváveis. E exemplificou: “damos início à colheita da safra 78/79, com os resultados mais animadores possíveis. No caso da soja, estamos colhendo 30 a 40 por cento a mais do que havíamos previsto. O arroz também está surpreendendo e a batatinha, somente nas nossas culturas locais, até agora teve sua colheita superada só por Espírito Santo”. Para o secretário, o trigo, representando a solução maior do problema agrícola brasileiro, poderá perfeitamente ser viabilizado, em curto espaço de tempo, aqui no cerrado. “Enfim — disse Pedro Dantas — caiu por terra o argumento de que os solos do cerrado eram restritos a algumas culturas. Hoje, confirma-se que qualquer cultura, tecnicamente implantada, é opção aconselhada a esses solos. Finalmente, desapareceu o mito”.

DESENVOLVIMENTO

Sobre o arrendamento de terras para o pequeno e médio agro-

pecuarista, o secretário disse que só após a administração Elmo Serejo é que as áreas rurais ficaram sob a responsabilidade da Fundação Zoobotânica. “Existia um grande problema do arrendamento com relação ao agente financeiro. Assim é que graças a um trabalho desenvolvido pelo governador, junto ao Conselho Monetário Nacional, o Banco Central baixou uma resolução estendendo os contratos de arrendamento no Distrito Federal, como garantia para os financiamentos”.

Segundo o secretário, “sem dúvida alguma, essa medida veio trazer a grande solução para o desenvolvimento da área rural. E, para se ter uma ideia, em dezembro de 1973, o Banco Regional de Brasília, como agente financeiro mais importante da agropecuária do DF, emprestou a cifra de Cr\$ 582 mil, pois em dezembro de 1978, o mesmo banco já espendera a quantia de Cr\$ 301 milhões. Isto prova que o contrato de arrendamento nas condições atuais deixou de ser um impecilho e passou a ser um elemento de valorização para o ruralista”.

CRÉDITO POPULAR

E argumentou com mais um exemplo: “em 1973, a Fundação Zoobotânica tinha 33 mil 630 hectares arrendados e já em março de 1979, alcançava 126 mil 848 hectares, aumentando dessa forma o crédito popular ao processo de arrendamento do DF”. Quanto ao aspecto de produção, o secretário disse que a colheita de grãos estimada para a safra 78/79 é da ordem de 200 milhões de sacas de 60 quilos.

Quanto aos financiamentos governamentais a que o arrendatário têm direito no BRB, o secretário previu grandes resultados para a nova medida do presidente da República, estendendo-os a até 100 por cento. “As primeiras medidas postas em prática pelo governo federal materializam de fato a afirmativa de Sua Excelência o Sr. Presidente da República. Assim é que o financiamento de custeio será feito à base de 100 por cento, observamos que, de há muito, isso já deveria ter sido adotado, pois é a forma mais eficiente para a expansão e o aumento da nossa produtividade”.

COOPERATIVAS

Comentou também a volta do ex-ministro da Agricultura — Alisson Paulinelli, para o Conselho de Desenvolvimento Econômico. “Representa a certeza de que a agropecuária brasileira será analisada e defendida pela área propriamente ministerial. O fortalecimento do BNCC representa um dos maiores passos para a solução da produção e da distribuição brasileira. E o apoio às cooperativas deixa bem claro que o governo caminha a passos largos na trilha certa”.

Segundo o secretário, “quando for agilizado o sistema de comercialização (Cobal e Cibrazem), teremos a certeza de que os problemas que pareciam insolúveis (distribuição e comercialização) deixarão de ser”. Comentando que não acredita em crise governamental quando o bem social é realizado, afirmou que “a insatisfação só aparece quando a barriga do povo está vazia. A partir do momento em que o povo compreender as ações e os esforços do governo, desaparecerá toda e qualquer crise social, porque a alimentação representa quase tudo para um povo”. Em sua opinião “de nada adianta construir-se hospitais e escolas, porque um povo não-alimentado enche, dia-a-dia, os hospitais e não assimila nada do que é ensinado nas escolas”.

MAPA

Abaixo, o mapa-resumo das áreas rurais arrendadas, durante o governo do engenheiro Elmo Serejo.